

“Noto que estou mudando de gênio. Hoje tive um pavor burro. Estarei indo para a loucura?”

Hoje, pus-me a ler velhos números do *Mercure de France*. Lembro-me bem que os lia antes de escrever o meu primeiro livro. Publiquei-o em 1909. Até hoje, nada adiantei. Não tenho editor, não tenho jornais, não tenho nada. O maior desalento me invade. Tenho sinistros pensamentos. Ponho-me a beber; paro. Voltam eles e também o tédio da minha vida doméstica, do meu viver quotidiano, e bebo. Uma bebedeira puxa a outra e lá vem a melancolia. Que círculo vicioso! Despeço-me de um por um dos meus sonhos. . .

A minha casa me aborrece. O meu pai delira constantemente e o seu delírio tem a ironia dos loucos de Shakespeare. . .”

(Diário Íntimo)

Moacir de Almeida era rapaz de quinze, dezesseis anos, aluno da Escola Normal, onde também e na mesma série, estudava o seu irmão mais velho, Antônio Gomes de Almeida. Este adotou um pseudônimo durante muito tempo, *Ganges de Almeida*, devido à sua paixão pela literatura indiana. Era também poeta e prosador. Lima Barreto era, como eu, admirador de Moacir de Almeida e através desse elo, farei o perfil do mulato.

Moacir e Ganges, paupérrimos, sapatos gastos, saíam a pé do Engenho Novo e vinham até a Biblioteca Nacional para, aos domingos, serem dos primeiros a entrar ao se abrir as portas, e sair à entrada da noite (horário muito vantajoso e, entretanto, pouco aproveitado, a não ser por estudiosos apaixonados). Aos domingos, a biblioteca atraía ao seu salão geral literatos, estudantes universitários e profissionais especializados como advogados, carecendo de consultas sobre matéria jurídica nos tratados clássicos geralmente em latim, francês, inglês, alemão e, muito mais recentemente, em espanhol; também pesquisadores de lingüística iam às obras dos escritores coloniais, principalmente do grupo dos jesuítas que tiveram os primeiros contactos com os indígenas na fase da catequese e assim fica-

ram sendo as fontes primeiras do estudo posterior das várias línguas e das suas possíveis origens e da suas ainda na época bem claras interligações e derivações. Moacir de Almeida e Ganges eram dos primeiros a entrar, a tomar a sua papelada e a se postarem diante do fichário de títulos para, às vezes durante horas, irem copiando títulos, autores e indicações de obras a serem pedidas algumas no mesmo dia, outras no correr de novas visitas. E quase sempre se retiravam sem refeições.

Com seus cadernos de notas enriquecidos por centenas de indicações era, então, ao sair da biblioteca que eles iam tomar uma média com pão e manteiga nalgum bar, além do largo de São Francisco, pois, iam cortando caminho na viagem de retorno. Ainda a pé, ao Engenho Novo. A refeição dos dois, já à noite, era em casa, um modesto jantar de família. Isto foi uma prática de muitos anos. E só depois de já jornalistas, eles puderam alterar o sistema porque dispunham de menos horas e ganhavam um pouco mais, podendo, assim, esquecer o hábito de andarilhos.

“Meu pai.

Recebi a sua carta de 25 do corrente. As aulas estão funcionando muito mal, isto é, com falta de freqüência. O doutor Frutuoso não pode vir cá. No colégio, só há um professor. O marido de Miss Annie foi hoje para lá (Capital). Correu boato que a Escola Naval estava lá na ilha. Como já lhe disse, o marido de Miss Annie foi para a cidade, Miss Annie não quer me deixar ir, ao princípio ela tinha o pretexto de dizer que não havia condução para a ilha, hoje é porque já há aulas, as aulas que se dão são muito sumárias. Eu já estou aqui há um mês sem ir lá.

Se o senhor tiver alguém que venha a Niterói por necessidade, mande-me buscar. Não mande ninguém de propósito aqui, porque a viagem é cara.

Diga a Dona Presciliana que eu desejava vê-la aqui, para ver as balas passar e arrebentar, como eu as tenho visto daqui do Colégio. Nesta brincadeira tem moído muita gente. As granadas rebentam por todos os lados, de Niterói, até chegou